

Corpos em movimento: migrantes sazonais na colheita do café, no sul de Minas Gerais

Lidia Maria Reis Torres*

Resumo

Essa pesquisa dá continuidade à pesquisa anterior sobre circulação de bens materiais e simbólicos entre os/as apanhadores/as de café que saem de cidades situadas no norte de Minas Gerais, para irem para a colheita do café em Cabo Verde, sul de Minas. Nesta proposta parte-se do corpo como algo que também circula, afeta e é afetado pelo vai-e-vem que implica a mobilidade do trabalho na colheita do café. Dessa forma, buscou-se compreender as diferentes maneiras em que diferentes corpos se relacionam com a colheita, e os motivos que levam as pessoas a se deslocarem. Para tal foi realizada observação e registro etnográfico e entrevistas semi-estruturadas na fazenda Ponto Alegre, Cabo Verde/MG.

Palavras-chave:

Mobilidades, corpos, colheita do café.

Introdução

Cabo Verde, localizada no sul de Minas Gerais, em época de colheita do café, vê sua população aumentar em mais de 20%. Isso porque recebe trabalhadores(as) de outras cidades e estados para trabalharem na colheita. Diante disso, faz-se intrigante a pergunta, quem é que se desloca para o trabalho nos cafezais? Durante os 3 ou 4 meses que residem na cidade, como é que a vida daqueles que se deslocam são afetadas? Baseando-se em teorias antropológicas, olhamos analiticamente para o corpo como algo que condensa inter-relações e nos diz sobre modos de organização do trabalho social e sexual na colheita do café, bem como, aponta para as motivações que permitem tanto as mobilidades quanto as permanências de tais pessoas na cidade.

Resultados e Discussão

A pesquisa foi realizada entre um grupo de aproximadamente 30 pessoas, todas com algum vínculo de parentesco que saíu de cidades do norte de Minas, para ir para a colheita no sul do estado. Dentre as mais de 140 pessoas de outras cidades e estados, que trabalham na fazenda, apenas em tal grupo há mulheres, crianças e idosos que também vão para fazenda. As mulheres, só participam da colheita se tiverem algum tipo de relação com os homens que trabalham lá, sendo elas, mães, tias ou esposas. As mulheres mais velhas, relataram que optam por participarem da colheita porque para além de complementar a renda familiar, conseguem ficar mais próximas dos familiares. Na fazenda, elas residem em casas próximas uma das outras: as colônias. As cônjuges, que possuem filhos(as), podem ir para a colheita porque têm onde deixar as crianças, na creche rural do município, e lá, elas relatam: “as crianças até engordam”.

Entre o grupo, por exemplo, as mulheres ficam com a atividade de “puxar o pano”, em que caem os grãos de café, já que não usam a derriçadeira, pois é pesada e “doi mais o corpo” na hora de realizar atividades domésticas. O trabalho motomecanizando, portanto, fica sob a responsabilidade dos homens. Aqui a escolha por um tipo específico de instrumento de

trabalho deriva da relação desse mesmo corpo em outros espaços sociais e, portanto, a divisão sexual do trabalho deriva também de uma diferenciação corporal.

Figura 1. Trabalho motomecanizado



Conclusões

O corpo posto em circulação, também é um corpo que diz acerca de relações afetivas, familiares, geracionais. Esses relatos são significativos para evidenciarmos que nessas circulações o corpo que transita significa e é significado pelo trabalho no café e pelas vivências em Cabo Verde. Para além de motivações econômicas, a mobilidade entre meus e minhas interlocutoras tem também significado simbólico, seus corpos produzem a circulação como são também produzidos por ela.

Agradecimentos

Ao CNPq por tornar viável essa pesquisa. Aos meus pais que, tantas vezes, foram meus companheiros de trabalho de campo. Aos amig@s, pela base afetiva e motivacional. À Nashiele Loera, minha orientadora, pela confiança, estímulo e orientação zelosa durante todo o trajeto de pesquisa. Aos meus interlocutores(as), pelas generosidades em campo.